

# GALERIA ROMANTICA

## JORNAL LITERARIO, POETICO, E NOTICIOSO.

Anno I.

Domingo, 21 de Agosto de 1864.

N. 4.

### PREÇOS ADIANTADOS.

CORTE.

Por um anno.....	10 <sup>000</sup>
Por seis meses.....	6 <sup>000</sup>
Por tres meses.....	3 <sup>000</sup>

### PROPRIEDADE DE ANTONIO VIEIRA DE ALMEIDA AZEVEDO

Publica-se todos os Domingos e assigna-se na rua Nova do Ouvidor n. 20.  
Número avulso, 300 rs.

### PREÇOS ADIANTADOS.

PROVINCIAS.

Por um ann.....	12 <sup>000</sup>
Por seis meses.....	7 <sup>500</sup>
Por tres meses.....	4 <sup>500</sup>

## GALERIA ROMANTICA.

### FERNANDO E MARGARIDA.

ROMANCE.

#### IV. — A suspeita.

(Continuação)

— Tudo isso sei perfeitamente, — observou Fernando mordendo os beiços para conter a cólera que começava a sentir, — porém não comprehendo ainda porque Vm. Sr. Alonso, disse no principio que a noticia que lhe derá o fazia entristecer...

— Pois eu disse isso, Sr. cavalleiro? — acudiu o velho simulando espanto. — Tal coisa não permita Deus!

— Então enganei-me... Suppus que a sorte dos culpados e não esses tristes acontecimentos o tornava pensativo...

— Com a devida vénia, meu querido hospede... redondamente se enganou... eu...

— E já forão todos descobertos, meu bom pai? — atalhou a moça sentindo secreta sympathia pelas victimas, talvez por se lembrar da posição do seu amante. — Coitados! como havião de ser severamente castigados.

— Coitados, dizes tu? — exclamou o Sr. Alonso dando um sorriso de compaixão. — É verdade que só escutas o teu bom coração... Coitados! Coitados daquelles que lhes caísssem nas mãos se elles ganhassem a partida!... Mas o Sr. governador foi-lhes logo no encalço, e...

Apezar da austeridade que queria inculcar, o velho atalhou-se estremecendo.

— N'uma palavra, Sr. Alonso, já forão todos remetidos a Lisboa? — perguntou Fernando suspenso, se assim se pôde dizer, aos labios de seu interlocutor.

— Alguns... mas outros... o cabeça do momim...

— Desgraçados quiçá?

— Sim, mas Jeronymo...

— Ah! faz-me tremer! Pois o misero Barbalo...

— Foi passado pelas armas!

— Horror! — bradou Fernando escondendo o rosto entre as mãos.

— O castigo de certo foi terrível; — redargui o velho com hesitação; — mas eu o acho justo.

— Justo! — exclamou o moço indignado. — Justo, um castigo barbáro e tyranno!

— Mas note, Sr. cavalleiro...

— Sr. Alonso, não ha considerações, nem conveniencias politicas que possão justificar esse cruel procedimento... a razão e a humanidade a elle se oppõe.

— A humanidade pôde ser, mas a razão...

— Senhor, quando um povo sofre um jugo pesado e odioso, deve procurar despedaçal-o; — tornou Fernando com crescente indignação. — O exemplo temos mesmo em Portugal. — O duque de Bragança, que Deus haja, não se revoltou contra os seus opressores? E se não tivera triunphado, e el-rei Phelipe IV, o mandara decapitar, seria justo este castigo... haveria razão em fazelhe expiar dessa guiza o amor da patria?

— Porém, Sr. cavalleiro; — redargui o velho em extremo admirado de ver seu hospede expender tão insolitas theories; — o nosso caso é diferente... A revolução de Portugal foi necessaria, porque um povo livre não podia sofrer por mais tempo a tyrannia dos usurpadores, enquanto que nós...

— Escravos como somos, devemos curvar a cerviz ao jugo dos nossos senhores, não é assim, Sr. Alonso? — replicou Fernando com amarga ironia. — E de feito... miseraveis colonos, qual é o nosso dever, senão trabalhar sem fazer uma só queixa para os que com látigo em uma mão, e os ferros em outra nos obrigão, extenuados e mortos de cansaço, a encher a sua burra?... Ah! viajando na Europa, respirando ahi o ar da liberdade, quando voltei para esta malfadada terra, meu coração sangrou dolorosamente ao ver o estado degradante dos meus patrícios embrutecidos e escravizados. — Pois que! quando a metropole sacode um jugo aborrecido, quando em alguns países tolerão a liberdade religiosa, os soberanos, a inquisição queima entre nós milhares de des-

graçados, e um mandão feroz e sanguinario, trata-nos como brutos, deixando reduzir á escravidão aquelles cuja unica culpa é a de se terem deixado vencer e espoliar pelos europeus?!

— O padre Antonio não diz isso... Afóra a escravidão dos Indios, elle grita sempre que temos liberdade até de mais.

— Bem longe está o dia das represálias, meu caro Sr. Alonso... Ah! bem sei que é uma loucura o depôr um governador, para aceitar outro... não se corta o mal assim pela raiz; mas, como sofrer impassíveis a ignominia que nos cospem no rosto?

O Sr. Alonso pela primeira vez, suspeitou da lealdade de seu hospede, e tomando um ar severo, assim falou-lhe:

— Sr. cavalleiro, muito me admirão as suas palavras! Um portuguez conspirar-se contra os seus! Bofé, que isto é muito feio...

— Respeito as suas convicções, e as desculpo; — replicou Fernando com uma calma não extrema de tristeza. — Ainda que descendendo de portuguez, tambem me corre nas veias o sangue dos indigenas, e por consequencia não deve admirar que eu á prol delles falle. Ao demais, quando assim não fôra, devemos cegamente aprovar as injustiças, extorsões e iniquidades de nossos maiores ou coévos?

— Mas o Sr. cavalleiro fala sem razão, permita que lho diga. Em que somos dignos de lastima, e principalmente esses barbaros, cuja condição de escravos é melhor do que antigamente? Hoje não se devorão uns aos outros, e tem o verdadeiro conhecimento de Deus, nosso Senhor!

— Meu caro Sr. Alonso, ... obstante só haver para desculpar a conquista dos Indios, o direito do forte contra o fraco, não o ceusore tanto como o procedimento ulterior dos nossos pais contra esses miserios, que com seu barbaro idioma e feroz superstição, erão mil vezes mais poeticos e heroicos, quando empunhavão o tacape, e embocavão a terrível inubia, do que seus vencedores com os seus ridiculos chansalhos, e estupida linguagem... Sim, até essa ceremonia barbara em que immolavão os seus prisioneiros, e a mesma mussurana, com que os manietavão, causavão menos horror do que as fagueiras e torturas da inquisição, e matança que ha um seculo se tem feito nos hereges! A cruel escravidão com que os

espingão, assim como este sistema de opressão com que nos excitão á revolta, e essa maldita espionagem que exerceem a torno de nós, expondo-nos ás mais infames relações, é que causão a minha indignação e...

Fernando foi interrompido por Martim o Pagé que apareceu, conduzindo pela mão um indivíduo, que pela escuridão que começava a reinar, não foi para logo reconhecido por nenhum dos nossos personagens.

(Continua).

## UM ENCONTRO INESPERADO.

PO.R

J. C. Pinto Pereira.

II

Alfredo, que assim se chamava o moço, ficou estatico ao ver o procedimento do velho, que havia se retirado sem ao menos despedir-se dele. A curiosidade augmentava-se-lhe cada vez mais, e em sua imaginação ardente já entre-via um mysterio digno de ser investigado.

Resolveu pois, que a todo custo, saberia daquelle mysterio. Porém como? dizia elle muitas vezes consigo mesmo.

Nada podendo conseguir naquelle dia retirou-se com o pensamento todo entregue áquelle velho. Ao chegar em casa, seu pai, notando-lhe o ar pensativo, perguntou-lhe a causa.

Alfredo, contento o, e contro que tinha tido; comunicou-lhe a impressão que lhe causara a vista e a conversa que havia tido com o velho e terminou pedindo-lhe licença para no dia seguinte ir á caça, e com este pretexto ver se o encontrava, assim de descobrir o mysterio, que certamente o envolvia.

— Sim, meu filho, disse o pai de Alfredo; vui e procuro-o; se elle precisar de dinheiro, socorro-o, porque será uma boa ação, cuja recompensa terás do céo, e eu te abençoarei.

No dia seguinte Alfredo, armado de espingarda e preparativos de caç a, partiu e entrou na selva pelo matto, não em busca de caça, mas realmente em procura do velho. Afirmou ter o o mais proximidade das «Paineiras», um dos lugares mais pitorescos e encantados, que possuem nosso bello e fertil Rio de Janeiro.

Alfredo logo que o viu, correu para elle e lhe disse:

— Bom velho, um acaso feliz sez, que nos tor-nassemos a ver. Consentí pois, que de novo vos ofereça meus serviços.

O velho, que estava assentado em uma pedra, com a cabeça encostada sobre o seu bordão, ao ouvir estas palavras levantou-a, e reconhecendo-o disse:

— Amigo, tenho percebido, que o vosso coração é nobre e bondoso; tendes compaixão de mim, não é verdade?

Desejais saber de minha vida?

— Sim, desejo, e muito.

— Pois bem, eu vol-a contarei. Assentai-vos naquella pe tra. A minha historia é pequena, porém encerra um horrivel episodio, que talvez não vos agradará muito; ouvi-me:

— Não importa, o meu desejo é saber-o.

Disse-lhe Alfredo, assentando-se na pedra indicada pelo velho, mais contente porque finalmente ião ser satisfeitos seus desejos.

(Continua).

## VARIEDADE.

### A MULHER PERDIDA

Primeiro ensaio de prosa

POR

JOAQUIM PEREIRA DE ALMEIDA.

IV.

Alguns mezes estiveste doente e te conservaste recatada: quando, porém, te achaste no gozo de uma saude perfeita, voltaste novamente aos bailes: outra loucura maior obraste então, não procuraste mais o mesmo amante de outr'ora; mas sim outro! outro, que com brandas e sedutoras palavras te entranchou no peito novo veneno: fazendo com que outra vez te pousasse na fronte o nome de infanteida! Desta vez, porém, não pude levar avante o desejo de callar-me; resolvi ir dizer-o a meu pai, entrei em casa e que scena se me mostrou aos olhos? Estavas de joelhos aos pés do auctor de teus dias, que sobre ti, estendendo a sua descarnada mão, e vertendo lagrimas de sangue, dizia: — «Maldição! lembra-te; então entrei eu, e lançando-me de joelhos a sens pés e a teu lado, por ti supliquei, e elle, pensando ser eu o auctor do crime, principio por me reprender do que pensava que eu tinha feito, ao mesmo tempo, pensando que eu te ia pedir em casamento deu-me a permissão de contigo me unir... doce foi para elle aquelle moamento; mas, oh! meu Deus, foi-lhe certo de mais, porque lhe contei a verdade, a verdade terrivel, que lhe custou a acreditar; mas que não teve renedio senão crê-la, pois era incontestavel!

Depois de tudo lhe contar diante de ti, fiz com que elle te perdoasse, o que elle fez, tirando de cima da tua cabeça essa maldição terrivel que sobre ti lançara!

Manso e socegado se mostrava elle, parecia que seu rosto estava sereno, e que o seu coração latejava pausadamente; mas pouco durou isto, porque em breve cahio meio desfalecido para um dos lados, tomado de uma violenta febre! Conduzimol-o para o seu leito de dor; deitemol-o e depois, lembra-te! como elle sobre nós lançou um olhar que parecia dizer: «Vós ambos podeis ser felizes...» Não se enganava; mas para isso já era tarde!... Oito dias, longos oito dias, esteve no seu leito de dor, no dia dos quais entregou a sua alma a Deus!

E quem era o causador da sua morte?

Eras tu! e sobre a tua fronte acabava de pousar o horroroso nome de — Parricida!!!

V.

Assim que teu pai desceu á sepultura, estavas livres podias fazer o que muito bem te apronvesse. Ainda por algumas vezes te fui ver: mas os meus olhos depressa se espantárono, quando virão tornar-se á casa de teu pai, que tão honrada tinha sido, em lupanar de vicio! Então deixei de te visitar; os meus olhos, porém, te seguião de longe e um só passo não podias dar que eu te não observasse.

Entregando-te nos braços de um amante, fruite a vida a longos tragos de impuro mel, que havião de ser alfin acabados de libar, para cahires na mais horrorosa posição. Teu amante vendo que te faltava o principal, que é o dinheiro, pois elle t' o tinha feito gastar todo, — abandonou-te!

Eis a justa paga que delle tiveste, eis o principio do castigo de teus nefandos crimes!

Passa los algans mezes, vendo-te na mais medonha miseria, e ten lo compaixão de ti, arranjei-te uma casa onde po lesscias viver pelo suor de teu corpo, mas com honra: como, porém, tinhas sido creada entre mil mimos, depressa te arraste de servir e sabistes da casa em que talvez podesseis ser feliz, para te lançares nos braços de um novo amante! Oh! então duvidei que tu fosses aquella donzella formosa de outr'ora, cuidei que um anjo como tu fôras, jámai se podesse transformar assim!

Agora já te não via o anjo de outr'ora, pois via-te no meio desse bordel horroroso, no lupanar de um vicio de gozos imundos; e quantas vezes te via alli surrir?! Surrias, mas esse surrir diabolico que nos labios te pairava, não era como o teu surrir de outr'ora: era um sorrir do inferno!

Muchas as rosas do teu rosto, já não parecias a mesma de outro tempo; mas, em paga disto, vestias os ricos vestidos de finas sedas, piolavas o teu gracileto rosto, e andavas pelas ruas publicas como uma rainha do fado!

Quando em qualquer parte me encontravas não tinhas mais medo de mim, já me não temias nem fazias caso daquelle que tanto te tinha amado!

Se chegavas a encontrar-me, fallavas-me com essa desenvoltura propria de ti e do lugar e estando em que te achavas, julgavas-te feliz e não temias quando te dizia: «— Mulher sem honra! lembra-te que foste infanticida e que mataste o teu proprio pai!...» A estas palavras tinha sempre de ti, como em resposta uma asquerosa — gar-galhada!

Nem outra cousa se podia esperar depois que te pairava na fronte o nome de — Meretriz!...

VI.

A demora que havias de ter no immundo alcuce, devia ser pouca, porque havias de ser victima de uma doença fatal. Em pouco tempo esse vene-ro mortifero se te entranhou nos ossos e te fez assomar ao rosto uma cor de bronze, e pondo-te magra, descorada das faces e de olhos encovados, alfin parecias-me uma Megéra do Alverne!

Depois do teu corpo ser um poço do venenos venereo, foste parar no lugar destinado para ti, e as tuas iguas, a — Misericordia !

Foi esta a primeira vez que te perdi de vista. Seis meses se passarão desde o dia em que foste para a Santa Casa, e eu sei ter notícia de ti.

Em uma tenebrosa noite que eu vinha passando em uma escura rua, pensando que talvez já fosseis morta, soarão aos meus ouvidos estas palavras : — Esmola a uma pobre viúva desvalida !

Ao escutar esta voz tiquei gelado de todo, uma dor profunda me assaltou o coração e me contristou a alma : é que eu tinha reconhecido aquella voz, e sabes de quem era ? Era a tua !

Fitei os meus olhos nos teus horrorizado, parecias-me uma mulher de sessenta annos de idade, peás muitas rugas que tinhas no rosto, pela cor denegrida das tuas faces e pelo teu corpo de todo corcovado ...

Já estavas assim acabada e no fim da vida, já tinhas morrido tudo para ti, e apenas contavas vinte annos ! ...

Oh ! então é que eu senti uma verdadeira dor no coração, e uma compaixão por ti, que me levou a dizer-te :

— Conheces-me ? Lembras-te de mim ? ... Se tivesseis sido minha, não serieis feliz ? ... Serias. E assim ? Assim trilhaste a senda do crime por espaço de cinco annos, para por fim estenderes a tua mão descarnada ao passeante e pedir-lhe uma — esmola ! — E acontece isto quando apenas contas vinte annos ! Quando devia principiar para ti a surrir uma doce e perene felicidade ...

Quando te disse estas palavras, chorava e tu também : então, ao ver-te contricta, apertei-te entre os meus braços ; mas, quão doloroso foi esse abraço, que, se tivesseis sido virtuosa, seria de um prazer sem fim !

Passados momentos apartei-me de ti.

Aonde estás ? Por onde divagas ?

Não sei ; só sei que mais hoje ou mais amanhã, acabarás por dar o teu último suspiro na esquina de qualquer rua, ou em alguma praça pública, sem teres quem te cerre as palpebras e te aperte as mãos descarnadas, exalando o teu último suspiro, em cima de uma pedra dura !

Tal é a sorte da — mulher perdida ! ...

Rio de Janeiro, 4 de fevereiro de 1861.

(Extr.)

## POESIA.

### O TROVÃO.

AO SR. ZALUAR.

Que voz é esta ? A voz do Omnipotente  
Fallando à humanidade ;  
Dizendo aos mandos do seu Deus o nome  
Nos sons da tempestade !

Ela que nasce, e aumenta, e repercute  
Dos céos na redondeza !  
Ouvindo-a, sinto os montes abalar-se,  
Curvar se a natureza !

E' assim que ao seu Deus humildemente  
Curvada recorrece,  
Curva-se o homem também, — da natureza  
Ao impulso obedece !

As nuvens n'um só corpo se transformão  
Para encobrir os céos :  
Mas o horrendo trovão lá vai, bramindo,  
Rasgar-lhe os densos véos !

Rompem-se as nuvens alagando a terra,  
Vai o céo apparecendo ;  
Logo um novo trovão canta a victoria  
No seu bramido horrendo !

Oh ! natureza ! Interprete sublime  
Das idéas do Eterno,  
Que encerras no teu seio almas celestes,  
E espíritos do infinito ;

Quem ha neste universo que não sinta  
Pulsar-lhe o coração  
Como as cordas das herpas dos prophetas  
Ante a voz do trovão ?

Ninguem talvez ; que o homem que não teme  
De Deus ouvindo o brado,  
Não é, não é mortal que a Deus pertença,  
E' monstro humanizado !

E' o espetro terrível da descrença,  
Vagando pelo mundo ;  
Que escarnece feroz no berço o infante,  
No leito o moribundo !

Meu Deus ! Eu creio em ti porque conheço  
Tua voz no trovão !  
Ao ouvir-o a minha alma a ti se eleva  
Na crença e na oração !

F. Gonçalves Braga.

## COMMUNICADO.

### PALESTRA.

Antes de tudo e como especialidade noticio aos meus amabilissimos leitores que minha prima fez no domingo ultimo um solenne protesto de não mais ir aos bailes na — Boa-Vista. Parece incrivel, mas é certíssimo ! Na verdade um tal protesto, no meio de uma tão cega paixão que me tem manifestado por aquelle divertimento, faz-me crer na possibilidade de sua proxima quebra.

Como não estive no baile de domingo não presenciei as scenas que estimularão o seu protesto ; se as que ella me descreveo são reaes entendo dever também fugir ao menos temporariamente.

Para não abusar da preciosa atenção dos leitores abstenho-me de apresentar a chronica do baile tal qual minha prima a descreveu ; dizer entretanto que houve abusos subversivos da parte do mestre-sala e mais empregados ou prepotencia illimitavel ; duas jovens ainda viçosas arrastadas

pela primeira vez áquelle baile, pelo furacão da adversidade foão victimas de um violento ataque excitado pelas continuas desordens que acompanhão a folia.

A dona da casa devendo ter alguma atenção com os frequentadores do seu estabelecimento, teve o arrojo de fazer vir á presença da autoridade de um moço porque (dizia ella) lhe faltaria ao respeito em certa conversação que havia tido com outro.

Por motivos frivulos e caprichos futeis forão expulsos do salão tres pessoas. Sube também que fôra admittido como mestre sala um homem que, valha a verdade, dizem ter a mania de intrigar as pessoas que lhe não põe á disposição o metal sedutor !

Basta de lamentos.

Minha prima esteve no Eldorado antes de ir para o baile : copio o dialogo que tivemos sobre esse passatempo : é em sua propria casa que fala mos.

— Então, prima, que tal esteve o spectaculo no Eldorado ?

— Bellissimo, muita influencia, muitas *jovens bonitas*, e moços galantes então não se falla ! ... Olha, só á minha parte tive trinta e seis que me rodeáram.

— Com efeito ; custa muito a roer, mas emfim vamos adiante.

— O spectaculo correu perfeitamente, mas nada me fez admirar, como uma joven que não poderia ter mais de oito annos ; o garbo que sustentou durante a cançoneta *Risette*.

— Pois tiverão a coragem de apresentar em scena n'uma parte tão difícil, uma menina de oito annos ?

— Tiverão, sim ; olha prima, sustentou com tanta firmeza e galhardia, que isto em dizer-te que n'um corpo tão pequeno existia a alma grande d'uma *Risette*.

— Ora deixa estar, que para outra vez, heide acompanhar-te ; sempre quero ver essa menina de quem tanto gostaste.

— Enquanto ás outras personagens desempenháram as partes, conforme as suas forças. Mr. Cheri, no fim do spectaculo teve a habilidade (por meio da *physica*) de despedir as amabilissimas frequentadoras do theatro, debaixo de muitas gaitadas.

— Então, a prima, deve estar atordoada desde esse dia ?

— Ora se estou ; achas que é brincadeira, todas as *gaitas* que me rodeáram, me acompanharem até á casa.

— E como te arranjaste com elles ?

— Muito bem, despedindo-os, dizendo-lhes que o primo estava dormindo e que não queria de maneira alguma que te acordassem. Que achas ?

— Acho boa a idéa ; eu em casa tranquillo, e tu aqui te desculpando commigo. Mas vamos ao que serve. Que novidades ha mais para contar-me ?

— Sabes que na segunda-feira, dia da Gloria, fui convidada para um pequeno jantar pela minha comadre.

— Ah! já sei, aquella senhora moradora no lugar que tem boa vista.

— Justamente: enquanto não veio o jantar, tudo foi folia, grande pagode e deboche, etc., etc. Mas depois da mesa posta, declaro-te que não gostei.

— Porque?

— Porque; em antes de irmos para a mesa, a crioula anunciou a chegada de um moço muito nosso conhecido; era o Sopmac.

— Conheço muito, e depois?

— Depois não sei porque razão; que minha comadre disse que se elle qualquer dia não provasse uma vara que ella lá tem, deixaria de se chamar *Lolota*.

— Ora essa agora é de deixar uma pessoa de boca aberta, pois esse rapaz esteve toda a semana passada em sua casa, como agora se apresenta este contra-tempo?

— Pois tu não sabes o adagio que há tão antigo — *O bem paga-se com o mal*, — o culpado é elle; quem o mandou perder o seu sonno, agora aguente-se. Não sabes que a lida com doudos, ainda é mais doudo.

— Isso é verdade. Mas prima, como é que essa mulher promette com tanta facilidade metter a vara em qualquer homem?

— E porque pensa que todos são como aquele que tem em casa, a que ella grita, bate o pé e ás vezes sacode-lhe o pé das costas.

— Então a recompensa que o rapaz teve a receber dela em paga dos serviços prestados, foi ser ameaçado? toma que te dou eu; ah! ah! ah! Isso deve elle agradecer a um seu amigo!...

— Olha, primo, a respeito dessa minha comadre, temos muito que conversar; mas fica para outra occasião, porque agora o tempo que temos não chega para podermos fallar d'outras coisas.

Mas sempre te direi, que fui convidada para assistir a um pomposo baptizado, que terá lugar no domingo, na rua do Cano e desde já te prometto que para a seguinte palestra relatarei tudo quanto lá se passar.

— Prima, disserão-me que tuhas ido á festa da Glória e por isso desejo saber as novidades que ba a respeito.

— Ah! primo não sabes o quanto estou zangada — Então, porque prima?

— Ora, porque, é que se o meu balão não é tanto morria asfixiada.

— Olá! a prima também levou apertos?

— Levei primo: e digo-te que se não fosse uma aberta que tive para me retirar, não sei o que seria de mim, porque a meu lado estava uma linda moça e tendo um descircumstante lhe pizado o balão de tal maneira que não podia tirar o pé de dentro da gaiola; mas a moça que lá teve suas razões virou a mão e zás... uma bofetada. O rapaz que também não quis ficar atras do progresso virou-se e... tome lá! deu-lhe justamente troco igual ao que recebeu, d'ahi travarão-se de razões e eu pelo sim pelo não fui-me raspando em paz e harmonia antes que me cheirasse a chamusco, depois puz-me scismando e convidei o mano Vieira a levar-me a passeio por algumas ruas do Cattete,

mas ah! quando nós mal pensamos, encontramos... não sabes quem?

— Não, prima! quem foi?

— Ora quem seria, foi aquella coruja que nos veio contar aquella historia de um namoro! não te lembras prima?

— Não, prima, estou vendo se me recordo, porém não me posso lembrar de tal coruja.

— Então já vejo que deste vez a memoria do primo não está bem apurada! Pois foi a semana passada que isto nos contáram, e já te esquecetes daquella *menina* de trinta annos, que, com todo o samson namorava aquelle moço bonito, como uma pimenta?

— Sim, primo, agora me recordo; é a historia daquella velha impertigada! que com toda a ceremonia namorava aquelle *menino* de vinte e cinco annos.

— Justamente! não te lembras mais que esse namoro tornou-se um verdadeiro escândalo para a vesinhança que toda o presencio ás janelas de suas casas?

— E' verdade! e segundo me parece essa moça velha, ou velha moça, com os tregeitos e macaquices que fazia, deu um verdadeiro espetáculo.

Agora, primo, antes que me esqueça peço-te que faças sentir a esses dois cupidos quais são os efeitos de suas verdadeiras mimosas, visto que, se continuarem, a coruja prometeu-me voltar a nossa casa para nos fazer sciente de mais alguns aceipipes para suas sobre-mesas!

— Prima, fica sabendo que fui na quinta-feira passada ao beneficio de um cego, chefe de numerosa familia.

— Sim, então conta-me o que houve de mais notável!...

— Primeiro que tudo, o que tenho a contar-te de mais consideração, foi em ser recusada a entrada nas cadeiras de 1<sup>a</sup> classe a um joven, por estar de paletó branco.

Isso era de esperar, pois o empresario do theatro anunciou que para as referidas cadeiras, só terião ingresso as pessoas que estivessem decentemente vestidas.

— E depois?

— Assim que entrei, imediatamente deu sinal que se ia levantar o pano, e de facto não eram passados dous minutos, dava-se principio ao primeiro acto dos — *Milagres de Santo Antonio*.

— E como foi o seu desempenho?

— Um completo enterro, á excepção do Sr. Costa, que na parte de Marco Aurelio sustentou o seu caracter de principio a fin.

— Pois admira, o theatro onde existem os primeiros artistas?...

— Declaro-te que não gostei; principiando por Lusbel, que apesar de ser invesível, não o foi para mim.

O Sr. Galvão tendo desempenhado por diversas vezes essa tão importante parte, cuja tem agradado; nessa noite achava-se tão satisfeito, que contava a todo transe levar para o seu reino o corpo de frei Antonio; estava tão alegre de sua vida e de commun acordo com o leigo Ignacio,

que eu das cadeiras da 2<sup>a</sup> classe, observei que rião-se visivelmente em partes tão sérias.

O Sr. Lisboa metteu a parte de frei Antonio em um novo jogo de scena, anda sempre gingando.

Olha, primo; não lhe conheces a mania, é porque julga que os frades naquelle tempo joga-vão capoeira.

— Emfim, — *Os Milagres de Santo Antonio* — forão enterrados, e quasi que enterrado tambem vi o Sr. Ferreira, por causa de um formidavel tombo que lhe deu Lusbel.

Por fallar-mos em enterros, prima, vou terminar com a palestra antes que me venhão enterrar com a pena e tudo. — Até domingo.

Dr. Sinfrônio.

## AVISO.

**Rogamos a todas as pessoas que nos honrrão com suas assignaturas, hajão de reclamar nesta redacção, qualquer falta que se dê na entrega da nossa folha, afim de imediatamente darmos as necessarias providencias.**

**N. B. Todos os senhores que quizerem obsequiar-nos com algum artigo podem dirigil-os a esta typographia.**

**Visto nós achar-mos mais conveniente, por isso participamos aos Srs. assignantes, que têm direito a botar algum annuncio até 12 linha e passando pagão 60 rs. por linha.**